

Sobre as perversões

MÁRIO CASIMIRO *

Há um certo número de manifestações humanas designadas talvez inadequadamente pelo nome de perversões as quais desde tempos imemoriais têm ocupado, de maneira mais ou menos absorvente e inquietante, o interesse e a imaginação das pessoas, tanto das que indignadamente se revoltam com o seu aspecto manifesto, como das que procurando ultrapassar a aparência se interrogam sobre as suas ocultas e misteriosas motivações, e se dão conta das ligações que elas têm com outras questões palpitantes como as psicoses, a droga, a delinquência, as perturbações narcísicas, as ideologias, as crenças, etc.

Temos para nós que em casos semelhantes, todo aquele que quiser compreender um assunto intrincado e enigmático, terá a maior das vantagens em dar-se conta do conjunto das atitudes reactivas desencadeadas pela abordagem da matéria em questão, não só porque essas reacções indicam um certo grau de implicação pessoal ou social, como também porque irão influenciar toda a apreciação do problema, desde as simples ressonâncias directas e espontâneas, até às mais complexas elaborações teóricas sobre o assunto.

Pensamos até que no caso presente tal precaução metodológica nos pode facilitar a introdução nos tópicos mais significativos da problemática perversa.

De modo geral duas atitudes aparentemente opostas se confrontam na valorização

das perversões. São atitudes fortemente enraizadas e julgamos ser extraordinariamente difícil a qualquer ser humano libertar-se completamente delas.

Daí provém uma ambiguidade e uma dificuldade primordial que nos impede a objectividade necessária para nos embrenharmos sem inquietantes estranhezas neste capítulo do conhecimento humano.

A primeira dessa atitudes é assaz conhecida e não nos deteremos demasiado na sua análise. Trata-se essencialmente duma atitude indignada de repulsa e de condenação.

De facto a perversão tem vindo a ser considerada, desde há muito, como sinónimo de imoralidade, crime, profanação, maldição, aberração, degeneração, prática contra a natureza e outras coisas do mesmo género. Esta equivalência é já patente no étimo latino *per-versitas* em que o significado de voltar ao contrário, pôr às avessas, tem também a conotação de vicioso, de falsificação, de contrário ao que deve ser, sendo curiosamente considerado como óbvio aquilo que é tido como norma.

Nos dicionários actuais perdura a mesma significação pejorativa, como é fácil de comprovar.

Os diferentes termos designando os perversos e sobretudo os homossexuais foram sempre tidos na linguagem comum como supremos insultos, sendo interessante constatar que, nas épocas das grandes perseguições religiosas, serviam para designar as vítimas, numa surpreendente ausência de diferenciação entre os não ortodoxos nas práticas da fé e os não ortodoxos nas práticas sexuais. Os heréticos, os

* Psicanalista didacta da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

sodomistas e os partidários do amor não natural eram o material privilegiado que alimentava regularmente os auto-de-fé e as fogueiras da Santa Inquisição, como se pode constatar ao percorrer os relatórios dos inquisidores, seus sermões e libelos acusatórios.

Uma tal contaminação semântica está profundamente ligada, como demonstrou Freud em 1905, ao recalçamento e posterior esquecimento da sexualidade infantil a qual constitui o modelo sobre o qual se organizam muitas das condutas, ou fantasias, dos chamados perversos, e dos neuróticos, bem como de uma atitude de desafio e de contestação comum ao perverso e à criança que aborda o clássico período edipiano.

Um pouco mais de consciência dessa atitude inquisitorial, tão comum à psiquiatria pré-psicanalítica, levou à apresentação do termo «desvio sexual» para substituir o contaminado termo de perversão.

Este eufemismo que favorece as pautas comportamentais e não as motivações internas, pode além disso induzir uma atitude oposta à de desvalorização.

É no entanto evidente que uma simples modificação de palavras não altera em termos significativos a atitude profunda para com os fenómenos perversos, ou como lhes queiram chamar. Como afirmou um dia um poeta chamado Propércio, nada que seja humano nos deveria ser estranho, e esse aforismo foi magistralmente ilustrado por Freud, quando 19 séculos mais tarde evidenciou as ligações entre as mais sofisticadas e repugnantes perversões e algo que existe dentro de todos nós pelo simples facto de termos sido crianças.

Todo aquele que tiver a pretensão de compreender qualquer coisa acerca da perversão deve previamente assumir e avaliar essa tendência irresistível de rejeição, até porque no contacto pessoal o perverso, e o homossexual em particular, procurará muitas vezes através de uma atitude sistemática de provocação de natureza exibicionista ou masoquista reactivar atitudes contratransferenciais — o que fará de modo singularmente elaborado — e quando elas surgem serão imediatamente detectadas por intermédio de uma penetrante intuição (semelhante à de certos psicóticos que parece possuírem dons telepáticos), intuição de tipo simbiótico, diríamos, que o perverso de resto utiliza frequentemente para seduzir os seus parceiros sexuais.

Assim a relação com o perverso evoluirá rapidamente para situações intermináveis de tipo persecutório e sado-masoquista.

Mas para além desta atitude de escândalo e de rejeição de que falámos brevemente, uma outra, manifestamente oposta, surge mais subtil e oculta revelando-se muitas vezes tão-somente por uma irresistível curiosidade malsã. Atitude que nos interessa tanto mais quanto através dela se revelam certas características de uma possível estrutura perversa. Essa atitude de curiosidade e atracção, relaciona-se com a idealização da perversão, que na sua orientação laudativa pode revestir aspectos de sacralização, sendo o amor perverso apresentado como o paradigma e a quinta essência do amor espiritualizado, despojado das suas contingências animais pragmáticas e materialistas. Liberto das funções biológicas da reprodução, ele seria o exemplo do amor divino, uraníano, platónico, celeste em oposição ao pobre amor das turbas, o amor interesseiro, profano e grosseiro.

Os etnólogos e historiadores têm reconhecido que, nas sociedades ditas primitivas, o perverso conhece por vezes um estatuto privilegiado, desempenhando frequentemente o papel de «shamam», feiticeiro, mago ou sacerdote, com o papel de intermediário entre o mundo sagrado e o mundo profano. Uma análise mais atenta mostrará que o sagrado surge aí como o resultado da anulação, coincidência ou conciliação das contradições sexuais aparentemente intransponíveis encontrando o seu equivalente humano nos seres que aparentemente são capazes de ultrapassar essas antinomias, graças à sua qualidade sexual ambígua.

A volatilização das características sexuais concretas, mesmo que se reduza ao mero celibato, poderá também simbolizar religiosamente a condição paradisíaca inicial livre ainda do «pecado» e psicologicamente traduzir a nostalgia de um estado simbiótico originário entre a mãe e o filho, e a fantasia dum ser original completo, sem fissuras (sem «senões», sem secções) de natureza bissexual e onnipotente, o que se sobrepõe aos antigos mitos da idade de ouro e do paraíso perdido, em que ainda não havia sexos e a relação filial com a divindade ainda não era afectada.

Certos psicanalistas, desde Glover, estudaram com detalhe um certo número de perturbações na identidade do chamado perverso, através de um tipo de identificações múltiplas e simultâneas, a que chamaram identificações duplas ou cruzadas. Assim no perverso masculino podemos constatar frequentemente uma

denegrição sistemática da «feminilidade» e uma exaltação exagerada dos ideais fálicos e masculinos, que coexistem com uma tendência inconsciente para a identificação com um *imago* feminino de tipo maternal, ou ainda uma manobra fantasmática pretendendo reconstituir a unidade fusional com a mãe.

Este problema foi introduzido por Freud num controverso trabalho sobre Leonardo da Vinci, quando refere como o homossexual pode identificar-se com a mãe protectora e rendida à admiração do seu filho, e ao mesmo tempo tratar o objecto sexual como se fosse ele próprio em criança.

Pensamos que a coexistência desses dois movimentos identificatórios opostos é fundamental não só para a compreensão da perversão como também para apreender o significado dos mitos sobre a superação da dualidade sexual, modelo da transcendência religiosa, que levaria o perverso a ser considerado uma pessoa de género aparentemente neutro, ou potencializado com um aspecto bissexual.

Pode-se também fazer uma ideia da importância religiosa dos símbolos da bissexualidade, como reunião das oposições *Conjunctio Oppositorum* de carácter sacro, representando as hierogameas primordiais, e a via de libertação para um mundo celeste não sujeito às contradições próprias do mundo terreno e material.

O modelo megalómano perverso tem muito de semelhante com o Andrógino, de que se fala no «Banquete» de Platão, com a sua «hurbis» desmedida, o seu próximo parentesco com os deuses que pretendia ultrapassar, e modelo do anjo negro satânico que se revolta contra o Deus pai, e que muito embora represente a plenitude e a totalidade unificada, não evita que paire constantemente sobre si a ameaça do castigo pelo orgulho diabólico que o levou a querer equiparar-se à perfeição do criador, o qual indignado acabará por o cortar ao meio, restabelecendo a lei humana dos sexos opostos.

A apologia da dupla sexualidade também é feita pelos gnósticos cristãos dos primeiros séculos da nossa era.

Para muitos deles a queda do homem derivava também da sua dicotomia sexual. Tal como o Andrógino platónico, Adão seria um ser edénico anterior não só à criação de Eva como também à introdução do mal no Mundo, ele próprio nem masculino nem feminino.

A unidade perdida com a aparição da mulher só poderia ser recuperada com o aparecimento de uma era assexuada, prelúdio da verdadeira Salvação. Assim os gnósticos nas-

sianos consideravam a androgenia como o objectivo de um processo grandioso de totalização cósmica. E não deixa de ser interessante constatar a existência de teorias laicas muito parecidas entre os representantes de certos movimentos contestatários actuais que advogam a causa de um comportamento bissexual cujo significado libertador e revolucionário é apresentado como uma síntese, suposta dialéctica, das contradições.

A psicanálise tem procurado elucidar alguns dos fantasmas latentes que dilaceram o mundo interno dos perversos. A angústia de castração ligada à diferença dos sexos e também à habitual desvalorização do sexo feminino ocupa, desde Freud, um lugar importante nas primeiras teorias sobre o assunto. Seria ela que desencadearia um complexo sistema defensivo de tipo regressivo, caracterizado por um investimento selectivo da pré-germinalidade. A hipertrofia desse elemento sexual infantil, permitiria a satisfação orgástica, sendo acompanhada de um desinvestimento de outros aspectos sobre os quais incidiria o recalçamento. Assim o material pré-germinal esconderia defensivamente não somente o conflito edipiano fundamental ligado à angústia castratória, mas também ao resto do material pré-germinal.

Outro aspecto importante no mundo interno do perverso, já aqui várias vezes afluído, está relacionado com o reduzido papel aparente do «imago» paterno, perante a predominância da figura maternal.

Provavelmente devido às suas fixações pré-germinais e a uma intensa inveja fálica, a mãe do futuro perverso consegue, a partir da simbiose inicial, minimizar o papel do pai e sobrevalorizar o do filho, que será investido como substituto válido daquele numa atitude mista de sedução para com a sua pré-germinalidade e de cumplicidade na luta para apagar o progenitor do papel de amante da mãe.

Graças a uma espécie de comunicação fantasmática, decorrente dessa ligação fusional, constatamos que, na cena primitiva, a figura paternal é negativa, omissa, diminuída ou subordinada à figura maternal, ao mesmo tempo que se assiste a um reforço da simbiose entre a figura da mãe e do filho, numa espécie de conglomerado bissexual que não se autonomiza suficientemente, precisamente pela ausência da mediação paterna que habitualmente funciona como agente dessa separação necessária e portanto suporte da futura identidade filial, com a força suficiente para estabelecer a indispensável triangulação.

Este tipo de desvalorização do pai está sempre presente nos fantasmas da cena primitiva do perverso e acaba por ser uma característica da sua vida, em que haverá uma contestação pertinaz de tudo que represente o poder paternal.

A fixação à relação fusional com a mãe, se por um lado estimulará a tendência polémico-contestatória, o narcisismo e a megalomania filial, por outro lado favorece toda a espécie de movimentos regressivos de tipo psicótico e traduz-se por uma permanente ameaça de aniquilamento pessoal, despersonalização e angústia de fragmentação do Eu.

Vários autores têm reconhecido a relação existente entre os fantasmas inerentes à estrutura perversa e a ideologia em geral, mas muito particularmente à ideologia contra-ortodoxa e especialmente nas suas formas gnóstico-cristãs.

Nelas a realidade tende a ser concebida em termos de um irreductível conflito maniqueísta em que a autoridade, a lei e os outros em geral, personificam as forças do mal, encarniçando-se persecutoriamente contra os detentores da verdade e do bem, e a solução mais ou menos eminente e apocalíptica desse conflito irá processar-se através da aniquilação dessas forças maléficas.

Depois dessa revolução (no sentido astronómico e etimológico do termo, que é o de voltar ao ponto de partida, numa inversão da ordem cronológica, bem típica da compulsão repetitiva) a pureza «infantil» inicial será reencontrada e franqueado o acesso a um período sem conflitos nem contradições em que a separação entre o bem e o mal se atenuará e tudo será permitido, como às crianças.

Tanto no perverso como no gnóstico ou no fanático de uma ideologia existe, mesmo que implicitamente, um dscdm maniqueísta para com o termo médio que exige uma «triangulação». Trata-se de uma incapacidade em encarar dialecticamente os conflitos e fazer a síntese das contradições.

O dualismo tende a ser irreductível: a verdade é só uma, a minha, e quem pensa de maneira diferente está irremediavelmente contra mim.

Uma coisa só pode ser branca ou preta e as outras cores são abolidas.

Daí a contestação permanente da lei, porque não é a nossa, e uma inaceitação da moral, já que se acredita que os fins justificam os meios, e não há necessidade de justificação nem diante dos outros nem perante si próprio.

Há uma espécie de angelismo ambivalente na ideologia latente na perversão e manifesta nas suas formas religiosas, particularmente as gnósticas heréticas.

Tal como o Janus Lufrente apresenta uma face inocente, pueril, em oposição ao oportunismo, rigidez e inércia do mundo, mas desaparece subitamente numa reviravolta para ser substituída pela outra face demoníaca, destruidora, ocupada na obra de profanação e dissolução da obra da criação, como na revolta dos anjos que se transformaram em seres satânicos.

Enquanto a ortodoxia religiosa atribui a criação a um deus bom (correspondente ao pai idealizado sobre o qual é projectado o ideal do eu) os gnósticos atribuem-na a uma divindade maldosa, irresponsável, derisória ou negligente (que podemos equiparar ao imago paternal desvalorizado). Para o gnóstico não é o homem (psicologicamente o filho) o responsável pela queda (pecado original ou outro equivalente). O verdadeiro culpado é um deus inferior e demoníaco.

É certo que existe um outro deus, o verdadeiro, pai, extra-mundial, longínquo e pon-do-se deliberadamente à distância dos homens como o deus ocioso de que falam os mitólogos. Uma parcela da divindade existe no entanto em todos os eleitos, e, se ela for cultivada, tornará possível a salvação, após uma longa viagem ascensional, autêntica peregrinação rocheada de inúmeros perigos e armadilhas, montadas pela perfídia de entidades malignas, que só poderão ser conjuradas por intermédio de um sem número de fórmulas mágicas e de objectos de natureza mais ou menos feiticista.

Do mesmo modo, no perverso, tem sido detectada uma escondida nostalgia do pai bom, por detrás de um vazio especial preenchido pela imagem do pai péssimo, e que motiva uma busca compulsiva do pai «ideal» que no «acting» perverso aparece reduzido à mera expressão de uma procura sempre frustrada de um «partenaire» a quem se pretendia ir buscar tudo o que falta e em que se encontra menos do que já se tinha.

As considerações que temos vindo a fazer sobre a ideologia e ligadas a uma tendência para idealização do pai edipiano, por uma sistemática e sofisticada idealização dos objectos parciais, de uma maneira feiticista, estas considerações, repetimos, seriam mal compreendidas se fossem incluídas numa tradição conhecida de psicanálise aplicada, caracterizada por um reducionismo psicanalítico que

pretende ignorar as modalidades específicas dos fenómenos sociais, religiosos ou artísticos.

Supomos, até, que essa espécie de psicanálise aplicada revela um certo estilo perverso. Procuramos, sim, ir buscar exemplos do que seriam os fantasmas «perversos» que se ocultam por detrás do «acting».

Porque o perverso tem tendência para actuar em vez de elaborar mentalmente, a sua actuação poderia ser considerada como o conteúdo manifesto substituindo o fantasma que não chega a ser formulado.

Assim, os fantasmas da cena primitiva, em vez de se exprimirem simbolicamente, como uma fantasia interna, são actuados, por assim dizer representados, num cenário exterior.

Devido a uma perturbação semelhante à que tem sido descrita nas estruturas psicossomáticas, o pensar do perverso caracteriza-se por um certo «deficit» simbólico, bem patente na pobreza das fantasias, na rigidificação, esquematismo, e num predomínio do fictício e do fabricado artificialmente, que se opõe à riqueza, maleabilidade e fluidez, que traduzem a existência de um espaço interno virtual mas também vital, onde se processa a simbolização; zona de interferência dos dois tipos de funcionamento mental, o primário que rege o Id e o secundário característico do pensamento consciente.

Essa «zona» ligada à actividade pré-consciente, de que se fala de novo com frequência nos meios psicanalíticos, está muito provavelmente ligada à interiorização dos bons objectos necessários à formação da identidade pessoal, evitando o recurso aos objectos externos e assim o predomínio de uma extero-determinação sobre a intero-determinação, bem como o recurso a uma idealização forçada de maus objectos. Além disso, trata-se de um espaço relacionado com os fenómenos de transição, tal como foram descritos por Winnicott, em que se originam os processos criativos, as elaborações simbólicas das estimulações pulsionais e do mundo exterior, e a internalização também simbólica dos objectos externos.

Devido porventura a uma rigidificação e impermeabilidade das barreiras do pré-consciente, quer da «interna» que contacta com a área pulsional e com o material recalcado, quer da «externa» em contacto com a percepção-consciência, ou então devido a uma interiorização insatisfatória da relação triangular precoce, ou ainda a uma relação simbólica que por muito intensa ou pela sua

ausência impediria o desenvolvimento da área dos fenómenos de transição, acontece que certos indivíduos apresentam uma perturbação no funcionamento da zona pré-consciente que vai motivar uma dificuldade na elaboração simbólica e fantasmática que em certos casos seria compensada por uma compulsão vicariante para a actuação, como é o caso das manifestações perversas, toxicómanas e de delinquência.

Um aspecto que merecia ser considerado mais detalhadamente neste trabalho, diz respeito ao «fetichismo», a partir do qual certos autores têm tentado explicar a génese das várias perversões, sendo de passagem interessante lembrar que o termo é de origem portuguesa, com o sentido de fictício, factício falso, artificial, relacionado posteriormente com as práticas dos feiticeiros, e por substantivação referenciando-se ao objecto do seu culto: os «falsos» ídolos. O fétiche ou feitiço pode ser considerado como a relíquia fossilizada do objecto de transição («transitional object», de Winnicott), o resultado da sua degradação, levando à constituição do objecto fétiche em que o aspecto simbólico é esvaziado da sua substância e transformado num signo rígido e material a que se recorre estereotipadamente, e em que todo o elemento lúdico, ilusório e criativo desapareceu.

Mas não devemos alongar-nos mais sobre esses assuntos e, para terminar, queremos lembrar que da mesma maneira que o fétiche perverso facilita a aceitação do não familiar e do aterrador também a ideologia pode ter uma função análoga evitando o aflorar da angústia desencadeada pelo encontro com uma realidade cujo carácter inesgotável e incompreensível não consegue ser apreendido totalmente, sempre prestes a libertar-se dos esquemas mais ou menos simplistas com que a queremos espartilhar, e que tem muito em comum com as crenças a que recorre o fetichista para desmentir a realidade sexual perturbante decorrente da existência de seres afálicos.

Do *fatus* fictício do perverso, pretendendo obliterar as soluções de continuidade corporais evocadoras da castração, à fala falaciosa do discurso ideológico, pretendendo preencher as lacunas da nossa compreensão da realidade, a distância não é tão grande como parece.

A ideologia pode também contribuir para a fabricação das crenças, dos dogmas e da verdade única dos seres sectários, diabolizando

a verdade dos outros e tentando cosmetizar a realidade caótica.

Ao longo deste trabalho em que proposi-tadamente nos abstinemos de dar uma definição precisa — de resto difícil — do termo perversão, evitamos a sua apresentação como espectáculo folclórico e teratológico, disfarçada pelo típico pedantismo descritivo do «especialista», bem como não foi nossa intenção fazer uma síntese dos vários contributos psicanalíticos sobre o assunto de uma maneira mais ou menos laboriosa que levasse à composição de um trabalho de *patch-work* que poderia ter o aspecto atraente e aconchegante de uma manta de retalhos sabiamente ajustada mas que poderia arriscar a um afastamento da realidade, para um campo abstracto, fechado, rígido e desnaturado, obliterando a nossa ignorância com mais uma teoria funcionando à base de um mecanismo de negação (*Verneinung*) ou de desmentido (*Verleugnung*) e pronto para ser arrecadado no armazém dos cientistas coleccionadores «perversos» de crenças, de pseudoverdades, da plástico-ortopedia dos embelezadores da dura realidade, fornece-

dores da imagem externa ao gosto do consumidor, e eventualmente funcionando como objectos de autopromoção.

SUMMARY

The author tries to avoid in this paper many of the pitfalls that threaten those writing about the perversions: to give a detailed or teratologic description of the many forms of sexual deviation, to present a definition of perversions by comparison with the so-called normal sexual behaviour.

*He sees in perversions, according to Freud, regressions to certain fragments of childhood sexuality. Further he points to the persistence, in the perversions, of the infantile tendency to abolish sexuality, by the denial of the existence of two different sexes. Also the psychic proclivity to imagine fantasy creatures in which both sexes could co-exist. Such bi-sexual creatures are present not only in ancient myth and philosophy (for instance in Plato's *Androgyn*) but also in more modern cults, worships, sects, ideologies.*